

História Ofaié – Um instrumento de resgate à auto-estima.

Valdemir Leonardo dos Santos¹

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa sobre a etnia ofaié cuja reserva está localizada na região de Brasilândia no Estado de Mato Grosso do Sul. Conta de forma resumida a trajetória de sofrimento, perseguição e morte destes índios, bem como o retorno e a fixação permanente na região onde estão localizadas as terras imemoriais. O trabalho de pesquisa, desenvolvido na reserva busca elaborar, instrumentalizar e redefinir mecanismos aos jovens Ofaié, levando-os a conhecer sua história e conseqüentemente o resgate da auto-estima.

Palavras-Chave: Etnia Ofaié – História – Resgate da auto-estima

Abstract

This work is part of a research on the nation ofaié whose reserve is located in the region of Brasilândia in the State of Mato Grosso do Sul. Account in summary the trajectory of suffering, persecution and death of these indians, as well as the return and the permanent setting in the region where the immemorial lands are located. The work of research, developed in the reserve searches to elaborate, to instrumentalization and to define mechanisms to the Ofaié young, taking them to know its history and consequently the rescue of auto-esteem.

Key-Words: Indian Nation Ofaié – History – Rescue of auto-esteem.

A nação indígena ofaié, atualmente fixada de forma definitiva em sua reserva no município de Brasilândia, no Estado de Mato Grosso do Sul, habitaram, tradicionalmente, por muitas décadas, a margem direita do rio Paraná, fato este guardado na memória e nas lembranças de um passado não muito distante.

O primeiro contato com essa etnia deu-se durante o ciclo do ouro da América Portuguesa, por ocasião das bandeiras de apresamento que ocorreram nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso (que na ocasião abrangia também o território do hoje Mato Grosso do Sul) e Goiás, entre 1687 e 1722.

Quanto às informações não oficiais, DUTRA (1996, p. 85) escreve:

As primeiras notícias dos Ofaié nos são fornecidas, a maioria delas, pelos viajantes e exploradores, que em seus registros e apontamentos dignaram-se relatar a presença destes silvícolas nas regiões por onde passavam (...).

Diversas foram as expedições que desceram o rio Tietê, conhecido como rio Bandeirante, e o rio Paraná, subindo os rios Pardo e Anhanduí ater as terras de Aquidauana à procura, a princípio,

¹ Licenciado em História pela UCDB. Especialista em Educação pela FAS.

de índios para escravizar e, depois, em busca de ouro das minas de Cuiabá. São elas que nos relatam os primeiros contatos com os Ofaié.

A referência oficial mais antiga sobre os Ofaié tradicionalmente ocupantes da margem direita do rio Paraná, foi feita pelo indigenista João Américo Peret, organizador do Mapa Etnográfico do Brasil que os localizou a partir de 1710 (PERET², 1975 *apud* DUTRA, 1996, p. 87).

Em 1903, Cândido Mariano da Silva Rondon estabeleceu o primeiro contato pacífico com os Ofaié, estimando-os em aproximadamente 2.000 indivíduos.

O processo dizimatório foi muito rápido, sendo que em 1910 o número de indivíduos desta etnia já havia sofrido um decréscimo para aproximadamente 900 índios. Na medida em que as cercas de arame foram sendo levantadas, os Ofaié, se viram obrigados a percorrer as matas ao longo dos rios Samambaia e Três Barras, alimentando o sonho de encontrarem um lugar para permanência definitiva. Em 1913, segundo CARUSO (1977 *apud* CARUSO *et al*, 2003, p. 17), um grupo bastante significativo podia ser encontrado no interior da fazenda Boa Esperança, da empresa inglesa *Brazil Land Cathe Packing Company*, conhecida como fazenda dos “Norte Americanos” que deu origem ao município de Brasilândia³.

Na década de 40, por ocasião de sua expulsão da fazenda Boa Esperança, aproximadamente 200 índios passaram a ocupar as margens úmidas do rio Verde, por intermédio do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Em 1956, insatisfeitos com a área, retornaram à Brasilândia buscando fixar-se nas terras onde estavam sepultados seus parentes.

Praticamente extintos, perseguidos e ameaçados pelos fazendeiros *xiuié agoniê* (*gente brava* em Ofaié, como referência aos civilizados), esta etnia outrora estimada em 2.000 índios, na década de 60 já não passavam de poucas dezenas, vivendo isolados e no anonimato até a década de 70, quando Darcy RIBEIRO (1977 *apud* CARUSO *et al*, 2003, p. 17) considerou-os extintos.

O ex-cacique, Ataíde Francisco Rodrigues *Xehitâ-ha*, ao longo de sua jornada nunca fez questão de esconder o sofrimento do seu povo, pelo contrário, buscou denunciar todas as atrocidades sofridas pelo seu povo.

Os inimigos dos Ofaié continuaram atacando sem piedade. Os matavam sem discriminar. Os ossos ficavam sobre a terra, sem sequer ser enterrados. Somente os urubus podiam chegar diante dos corpos podres, abandonados pelo chão. Exterminar os Ofaié era uma teimosia dos brancos (RODRIGUES, Ataíde Francisco – *Xehitâ-ha. Xehitâ-ha, testemunha do massacre*. In: DUTRA, 1996, p. 34).

O Estado de São Paulo, em 1976, através do jornalista Luiz Carlos Lopes, descobriu os Ofaié com apenas 24 remanescentes vivendo em profundo estado de miséria. Apesar das denúncias, nada foi feito para minimizar o sofrimento daquela gente.

² PERET, João Américo. *Populações Indígenas do Brasil. Mapa Etnológico*. Rio de Janeiro – Brasília: Funai, 1975.

³ CARUSO, Bianca de Freitas; GUIMARÃES, Eliane Feltrin; MORRO, Gilmar Fernandes. *Ofaié-Xavante: Retrato de um povo*. Campo Grande – MS: Uniderp, 2003. 58 p.

Em 1978, a Funai propôs a transferência dos índios para a região da serra da Bodoquena. Essa foi mais uma experiência amarga, por qual tiveram que passar os Ofaié. O então cacique Ataíde *Xehitâ-ha* conta que

Sem morada, sem alimento, sem remédios, os Ofaié estavam ali, não como índios. Não sei como o quê, enganados pela Funai. Tinham que pedir raiz de mandioca para os posseiros. E muitos deles aliviaram o sofrimento dos Ofaié, enquanto a Funai continuava omissa (RODRIGUES, Ataíde Francisco – *Xehitâ-ha. Xehitâ-ha, testemunha do massacre*. In: DUTRA, 1996, p. 50).

O retorno a Brasilândia deu-se no ano de 1986, Ao chegarem perceberam que encontrar um local definitivo para viverem dignamente seria muito difícil. Parte do grupo com aproximadamente 40 indivíduos (composto predominantemente por Ofaié, somado a outras etnias que se ligaram a esta por casamentos entre seus membros), passaram a trabalhar nas fazendas da região, outros não tiveram alternativa, a não ser mendigar pelas estradas.

A sorte dos índios começa a mudar quando os mesmos, em 1987, *“conseguem autorização para ocupar uma faixa estreita de terra, entre as margens do rio Paraná e a estrada BR 115, há 22km do município de Brasilândia”* (CARUSO, 2003, p. 21). A Funai havia prometido realizar a demarcação das terras que foram dos seus antepassados e ali permaneceram, porém sem deixar de cobrar das autoridades agilização na demarcação de suas terras.

A Portaria nº 398 instituiu uma Comissão Especial de Análise, vinculada à Superintendência de Assuntos Fundiários da Funai. Os mesmos foram encarregados de promover a identificação e a delimitação das terras imemoriais.

No Diário Oficial da União, de 29 de maio de 1992, o então Ministro da Justiça, Célio Borja, assinou a Portaria nº 264, declarando *“como de posse permanente indígena Ofaié-Xavante⁴, com 1.937.620 hectares (um mil e novecentos e trinta e sete hectares, sessenta e dois ares e cinqüenta centiares”* (BRASIL *apud* CARUSO, 2003, p. 23). Essa decisão foi contestada pela fazendeira Bruna Cardin Hoffig, que foi em parte concedida pelo Juiz Jean Marcos Ferreira, que apesar de ser contestada pelo advogado da Funai em Campo Grande – MS, Jocelyn Salomão, prevaleceu a decisão do Juiz.

Em 1988, a Companhia Energética de São Paulo (CESP) se vê obrigada a buscar uma solução para as questões dos Ofaié, em virtude da inundação das áreas junto às margens do rio Verde, rio Sucuriú, rio Paraná e rio Samambaia, por ocasião da construção da Usina Hidrelétrica de Porto Primavera, atual Engenheiro Sérgio Motta.

O convênio nº 004/94 firmado entre a CESP e a Funai estabeleceu como área definitiva 484 hectares, contígua à área indígena declarada pela Portaria nº 264, de 28/05/1992, do Ministério da Justiça. A CESP, solicitou, em 1997, o encerramento do convênio nº 004/94, sob alegação de não receber da

⁴ Os Ofaié foram erroneamente designados como Ofaié-Xavante pelos neo-brasileiros. Entretanto, pesquisas recentes, e também segundo o cacique José de Souza *Coi* que teve contato com membros da etnia Xavante, apontam que não há semelhança entre a língua Ofaié e a língua Xavante. Também os costumes e modo de vida diferem.

Funai a parte que lhes cabia na elaboração dos projetos de desenvolvimento econômicos, pois a ela cabia o desenvolvimento de uma política social para o índio.

Os Ofaié ainda lutam com dificuldades, mas a situação atual nem de longe lembra os anos de angústia, perseguições e morte. A fome e a doença que ceifou a vida de muitos índios deixou de ser uma realidade.

Apesar da terra não ser apropriada para agricultura, ainda se colhe: feijão, milho, abóbora, mandioca e outros do gênero. O gado no pasto demonstra que as coisas podem melhorar mais ainda. O gado leiteiro fornece leite suficiente para as crianças índias, possibilitando a venda do excedente. O gado de corte vem se multiplicando. Contabilizando ao todo 189 animais no pasto Ofaié. A reserva conta com quatro tanques de piscicultura que fornece peixe para as 18 famílias da reserva. Tanto o pasto como a piscicultura estão numa área posteriormente entregue aos Ofaié composta por 620 hectares.

A CESP, por força do convênio nº 004/94 realizou infra-estrutura, que consiste em 01 (uma) escola de 216 m², 01 (um) posto de atendimento médico-dentário contendo 186,50m², 01 (um) centro comunitário e 18 (dezoito) residências, tudo em alvenaria. A Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) dispõe de agentes de saúde e um veículo que estão presentes de segunda-feira à sexta-feira.

O problema de comunicação foi parcialmente resolvido com a instalação de um rádio transmissor. Algumas casas já dispõe de televisores e antena parabólica. O atual cacique José de Souza, vem se empenhando para manter a língua materna viva. Atualmente ensina a língua Ofaié às crianças, já que a escola na reserva não está preparada para ministrar as aulas às crianças. Segundo ele, *“a professora é muito competente, só que ela não sabe a língua Ofaié”*.

No dia 22 de dezembro em reunião com os Ofaié dirigida pelos servidores da Funai, Olivar Brasil Moreira Oliveira e José Resina Fernandes Júnior, contando com a presença dos professores Valdemir Leonardo dos Santos e Zilca Fernandes Marques, e de toda a comunidade indígena da reserva, todos ouviram do cacique José de Souza *Coi* um desabafo que, por muitos, poderia ser interpretado como um lamento: *“No passado nossos velhos contavam nossa história para nossas crianças. A escola, hoje, deve ensinar nossas crianças a contarem nossa história”*.

Bibliografia

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma introdução à História*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CARUSO, Bianca de Freitas; GUIMARÃES, Eliane Feltrini; MORRO, Gilmar Hernandes. *Ofaié-Xavante: Retrato de um povo*. Campo Grande – MS: UNIDERP, 2003.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *Ofaié: morte e vida de um povo*. Campo Grande – MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1996.